

Choque tarifário: panorama e perspectivas para a economia brasileira

Marcos Falcão Gonçalves¹

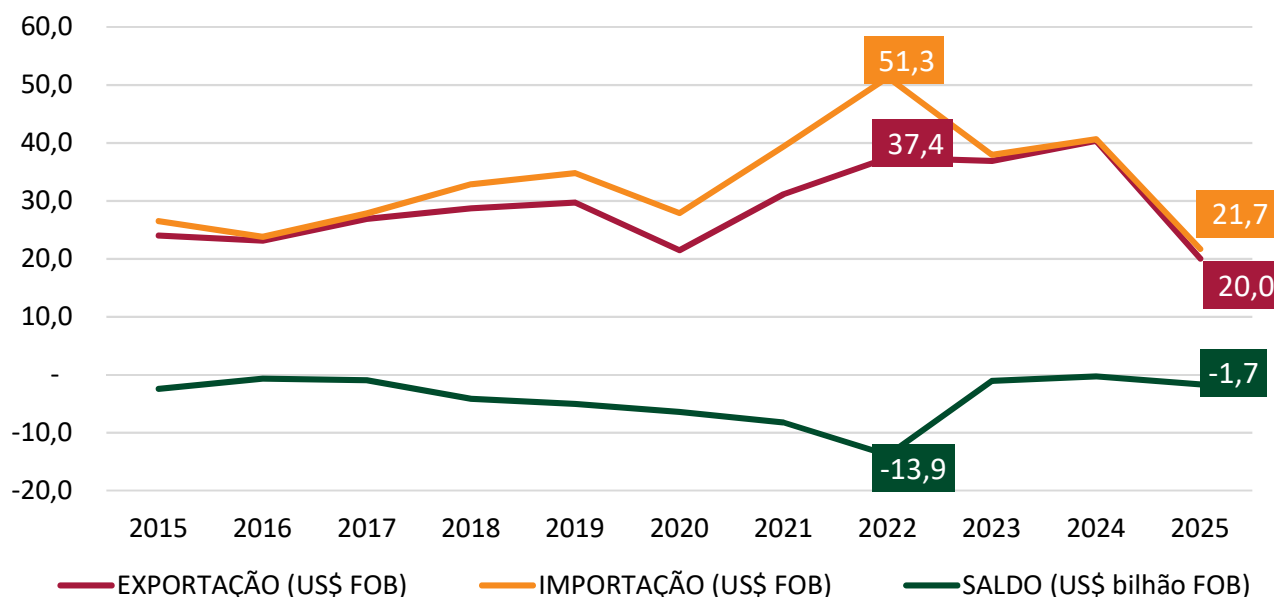
A tarifa de 50% imposta pelo governo norte-americano sobre a importação de produtos brasileiros, divulgada em julho de 2025, com possível vigência a partir de 01/08/2025, configura-se como um choque unilateral, com efeito direto sobre o setor exportador brasileiro, notadamente café, aeronáutica, químicos e energia, que perdem competitividade no cenário internacional.

O comércio exterior do Brasil tem apresentado ao longo dos últimos anos um padrão de forte concentração em determinados parceiros estratégicos, sendo a China e os Estados Unidos os principais destinos e origens de produtos brasileiros.

De acordo com os dados consolidados do COMEXSTAT (2025)² para o período entre 2015 e 2025³, a China desponta como o maior parceiro comercial do Brasil. As exportações brasileiras para o país asiático somam aproximadamente US\$ 736,6 bilhões⁴, enquanto as importações acumulam US\$ 448,5 bilhões no mesmo intervalo. Os Estados Unidos, por sua vez, ocupam o segundo lugar tanto nas exportações (US\$ 319,8 bilhões) quanto nas importações (US\$ 364,6 bilhões). Outros países com relevância no comércio brasileiro incluem a Argentina, a Alemanha, os Países Baixos (Holanda) e os demais países integrantes dos BRICS, mas em patamares significativamente inferiores.

No que se refere à balança comercial Brasil–EUA, os dados revelam que, entre 2015 e 2025, houve um equilíbrio comercial entre os dois países (Gráfico 1), com o Brasil apresentando modesto *déficit* no período, numa média equivalente a 6,2% da corrente de comércio.

Gráfico 1. Importação, Exportação e Saldo da Balança Comercial - Brasil x EUA - 2015 a 2025



Fonte: COMEXSTAT (2025). Elaboração do autor.

¹ Doutor em Economia Aplicada. Gerente Executivo de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Banco do Nordeste do Brasil (BNB/Etene). Professor Adjunto do Centro Universitário Cearense (Unic). Contato: marcosfalcão@bnb.gov.br

² COMEXSTAT. Dados Gerais. Disponível em: <<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>. Acesso em: 10.jul.2025.

³ Para o ano de 2025, dados disponíveis até junho.

⁴ Considera-se para efeito deste *paper* os valores nominais.

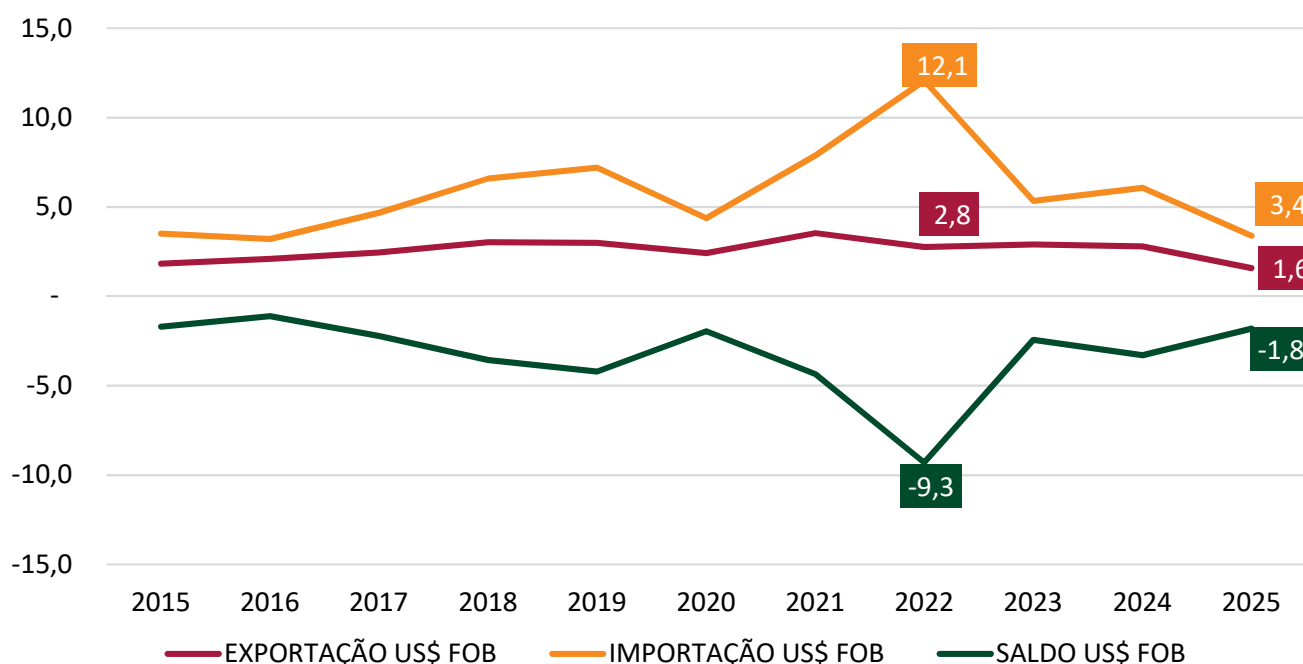
Em 2015, as importações somavam US\$ 26,5 bilhões, enquanto as exportações foram de US\$ 24,0 bilhões, gerando um *déficit* de US\$ 2,5 bilhões. Esse saldo negativo para o Brasil alcançou US\$ 13,9 bilhões em 2022, quando as importações superaram US\$ 51,3 bilhões. Observa-se um recuo a partir de então, encerrando o ano de 2024 saldo negativo de US\$ 0,3 bilhão. A estabilidade recente da balança pode estar associada tanto à oscilação dos preços internacionais das *commodities* quanto a ajustes nas cadeias de suprimentos globais.

A pauta de exportações brasileiras para os Estados Unidos é amplamente concentrada em produtos primários e semimanufaturados. Destacam-se, em valores acumulados, os óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (US\$ 34,3 bilhões), produtos semimanufaturados de ferro ou aço (US\$ 24,0 bilhões), veículos aéreos (US\$ 21,9 bilhões), café (US\$ 12,7 bilhões) e pastas químicas de madeira (US\$ 11,3 bilhões). Essa estrutura evidencia o papel tradicional do Brasil como fornecedor de *commodities* e insumos industriais, ainda que haja espaço para exportações com maior valor agregado, como é o caso do setor aeroespacial.

Do lado das importações brasileiras provenientes dos EUA, o destaque também recai sobre produtos do setor energético e industrial. Os óleos de petróleo ou minerais betuminosos lideram (US\$ 63,2 bilhões), seguidos de equipamentos aeronáuticos como turborreatores e turbopropulsores (US\$ 36,5 bilhões), gás de petróleo (US\$ 15,5 bilhões), hulhas e briquetes (US\$ 11,4 bilhões) e, novamente, óleos brutos de petróleo (US\$ 11,1 bilhões). Nota-se, assim, um padrão de interdependência energética e tecnológica que molda a relação bilateral.

Quando observamos a distribuição regional do comércio com os EUA, os dados mostram que os estados da Bahia, Maranhão e Pernambuco concentram 76,7% da corrente de comércio regional. A Região Nordeste apresenta constantes *déficits* com os EUA, acumulando US\$ 35,9 bilhões no período entre 2015 e 2025. Esse *déficit* chegou a US\$ 9,3 bilhões em 2022 (Gráfico 2). Essa dimensão regional do comércio internacional é fundamental para o planejamento de políticas industriais e de infraestrutura logística no Brasil, especialmente nas regiões Nordeste e Norte.

Gráfico 2. Importação, Exportação e Saldo da Balança Comercial – Nordeste do Brasil x EUA - 2015 a 2025



Fonte: COMEXSTAT (2025). Elaboração do autor.

Ao compararmos a estrutura do comércio Brasil–EUA com aquela mantida com a China, nota-se que, embora o volume comercial com os norte-americanos seja elevado, ele está bem abaixo do total movimentado com os chineses. Ademais, ambos os parceiros compartilham uma característica: a forte concentração em *commodities*. Com os Estados Unidos, há um pouco mais de espaço para produtos de média e alta tecnologia, como componentes aeronáuticos e químicos, o que representa uma oportunidade de diversificação e agregação de valor às exportações brasileiras.

As tarifas anunciadas em julho/2025, além de potencialmente trazer impactos diretos, como a redução da competitividade dos produtos brasileiros no mercado norte-americano, tende a proporcionar impactos indiretos, deletérios para a economia nacional.

A potencial redução no volume de exportações pode levar à redução da oferta de dólares no mercado interno, que tende a pressionar o custo de produção das empresas nacionais e, consequente escalada do nível geral de preços da economia (inflação). A elevação do nível geral de preços, por sua vez, tende a provocar elevação da taxa básica de juros da economia brasileira – ou manutenção no patamar elevado em que se encontra atualmente (15,0%a.a.) por um período maior do que o anteriormente previsto pela Autoridade Monetária do Brasil – influenciando negativamente a atividade econômica nacional.

Nosso Comentário: O aspecto político-diplomático, no entanto, pode ter efeitos mais profundos, especialmente se escaladas e retaliações conduzirem a uma guerra comercial, que pode também contribuir para aumento dos preços ao consumidor e alterar cadeias logísticas. Nesse sentido, esperamos que, no curto prazo, as negociações reduzam as tarifas e, no médio prazo, possamos trabalhar em prol da diversificação de mercados. Além disso, reforçar as cadeias regionais, apoiando pequenas e médias empresas a inovar, incorporar novas tecnologias, agregar valor à produção, reduzindo a dependência da exportação de *commodities*.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente de Ambiente: Allisson David de Oliveira Martins. Gerente Executivo: Marcos Falcão Gonçalves. Equipe Técnica: Adriano Sarquis Bezerra de Menezes, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso, Wellington Santos Damasceno. Bolsistas de Nível Superior: Guilherme Miranda Soares e Samuel Alesxandro Apolinário Xavier. Jovem-aprendiz: Pedro Ícaro Borges Souza.

Aviso Legal: O BNB/Etene não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte